

**PLATAFORMA BRASILEIRA
DE POLÍTICA DE DROGAS**

apresenta

INTRODUÇÃO AO ASSOCIATIVISMO CANÁBICO



NÚCLEO CÂNABIS DA PBDP

ORGANIZAÇÃO RAFAEL MORATO ZANATTO



**PLATAFORMA BRASILEIRA
DE POLÍTICA DE DROGAS**

apresenta

INTRODUÇÃO AO ASSOCIATIVISMO CANÁBICO

NÚCLEO CÂNABIS DA PBPD

**ORGANIZAÇÃO
RAFAEL MORATO ZANATTO**



DEDICAMOS esse trabalho à memória do Professor **Elisaldo Luiz de Araújo Carlini**, defensor incansável da ciência como instrumento de emancipação humana.

COORDENAÇÃO DE PROJETO

Plataforma Brasileira de Política de
Drogas (PBPD)/ Núcleo Cânabis

ORGANIZAÇÃO

Rafael Morato Zanatto

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Tatiana Diniz

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Carol Godefroid - Pirô de Imagem

ILUSTRAÇÕES/EXTRAÇÕES

Maurício Pierro

ILUSTRAÇÃO CAPA

Luiza Nunes

REVISÃO TÉCNICA

Cristiano Maronna,
Helena Fonseca Rodrigues,
Luana Malheiro, Luciana Zaffalon,
Nathália Oliveira e Renato Filev

REVISÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL

PBPD

AUTORAS/ES

Claudia Fegadolli, Eliana Rodrigues,
Elisaldo Luiz de Araújo Carlini
(em memória), Emílio Figueiredo,
Fernanda Soncini, Florencia Corbelle,
Frederico Policarpo,
Lucas de Oliveira Maia, Lucas Seara,
Luciana Togni de Lima e Silva Surjus,
Luiza Coqueiro, Marcos Veríssimo,
Rafael Morato Zanatto,
Renato Filev, Ricardo Ferreira,
Ricardo Nemer e Sidarta Ribeiro

ISBN Nº 978-65-992798-1-2

TÍTULO: INTRODUÇÃO AO ASSOCIATIVISMO CANÁBICO

AUTOR: NÚCLEO CÂNABIS DA PBPD

ORGANIZADOR: RAFAEL MORATO ZANATTO

EDITORA: DISPARO COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO - IBCCRIM - PBPD

SÃO PAULO, 2020

ORIENTAÇÃO PARA LEITURA

POR RENATO FILEV

Cannabis spp. é o nome latino da planta asiática cultivada há muitos anos por todo o planeta. Tem etimologia ligada à derivação da palavra cana (gênero: *Saccharum*), de certa forma é compreensível enxergar as semelhanças entre as espécies. Em 1542, Fuchs emprega o termo *Cannabis sativa* ou 'cana cultivável', já no

hebraico *kaneh bosem* pode ser traduzida como cana aromática. A escolha pelo verbete **câna-bis** nesta publicação segue as recomendações do acordo ortográfico da língua portuguesa. Pelo sistema de busca VOLP da Academia Brasileira de Letras, o verbete registrado é **câ-nabis** e quando se busca **canábis** o dicionário remete à cânabis, assim como ocorre quando a busca é feita no dicionário Houaiss. O verbete em questão é uma adequação do termo de origem grega, também proparoxítona, com acento na primeira sílaba, como ilustra a seguir a publicação do Prof. Ethan Russo¹.

No inglês, o uso do verbete para designar a planta é **cannabis**, que também leva a tônica na primeira sílaba. Ainda de acordo com a regra ortográfica da língua portuguesa, não existem verbetes com duplo 'ene' (nn), portanto seria estrangeirismo optar por **cannabis**. É fato que o emprego do termo **canábis** é muito mais comum e reconhecido inclusive pelos dicionários de referência que o remetem à **cânabis**. Entendemos, por fim, que ambas as formas são aceitas e optamos por uma delas para facilitar a leitura.

 Sumerian:
A.ZALLA

 Akkadian:
azallû

 Hieroglyphic:
shemshemet

 Chinese kanji:
ma

 Sanskrit:
bhang

 Persian:
shadanaj

 Hebrew:
kaneh bosem

 Greek:
cannabis

¹ Russo, E. B. (2007). History of Cannabis and Its Preparations in Saga, Science, and Sobriquet. *Chemistry & Biodiversity*, 4(8), 1614–1648. doi:10.1002/cbdv.200790144

SUMÁRIO

Por uma nova política de drogas – Núcleo Cânabis	08
A terapia com a cânabis – Sidarta Ribeiro	10
Apresentação – Rafael Morato Zanatto	12

PARTE I – DISCURSOS ANTIPROIBICIONISTAS

1. Maconha: uso terapêutico milenar – Rafael Morato Zanatto	15
2. Simpósio Internacional da Cânabis Medicinal – Histórico Elisaldo Luiz de Araújo Carlini	18
3. V Simpósio Internacional da Cannabis: Outros Saberes Elisaldo Carlini, Lucas de Oliveira Maia, Rafael M. Zanatto e Renato Filev	20
4. Associativismo Canábico: passado, presente e futuro Rafael Morato Zanatto	25
5. A Frente de Organizações Canábicas Argentinas (FOCA) Florencia Corbelle	43
6. O papel das Associações Canábicas: o atendimento das demandas por justiça, direito e saúde aos cidadãos brasileiros Frederico Policarpo	49
7. Cultivos Canábicos e Processos de Domesticação Marcos Veríssimo	54
8. Os Desafios do Ativismo Canábico – Ricardo Nemer	60

SUMÁRIO

PARTE II - PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

1. Orientações da REFORMA	67
2. Modelo de Estatuto Associação de Redução de Danos Cânabis Social Club – Emílio Figueiredo e Lucas Seara	69
3. Métodos de extração artesanal para cânabis Ricardo Ferreira e Renato Filev	76
4. Levantamento do perfil de Associações Canábicas no Brasil: resultados preliminares – Luciana Togni de Lima e Silva Surjus, Fernanda Soncini, Eliana Rodrigues, Luiza Coqueiro e Claudia Fegadolli	86
5. Construindo uma federação canábica no Brasil– Lucas Seara	102
6. Estatuto da Federação das Associações de Cânabis Terapêutica (FACT)	108
Encerramento	118
Anexos	119

5 A FRENTE DE ORGANIZAÇÕES CANÁBICAS ARGENTINAS (FOCA)

FLORENCIA CORBELLE^{41 42}
TRAD. RAFAEL M. ZANATTO

A FOCA, uma meta do movimento canábico argentino.

O movimento canábico argentino data do início deste século e foi em seu seio que nasceram as primeiras agrupações canábicas: uma delas na cidade de Córdoba (2001); outra, em Rosário (2007). No entanto, é certo que as tentativas

associativas só floresceram algum tempo depois, em clima de crescente organização do ativismo, fruto de anos de articulação conjunta da Marcha Mundial da Maconha (MMM) - evento que, ao contrário do que acontece no Brasil e semelhante em outras partes do mundo, é celebrado todo primeiro sábado de maio; mas também do julgamento "Arriola" (2009) do Supremo Tribunal de Justiça da Nação, no qual o órgão da mais alta hierarquia do Judiciário declarou inconstitucional a criminalização da "posse de drogas para consumo pessoal".

Desde então, as agrupações têm aumen-

tado em número e em tamanho, têm polido seus objetivos, suas atividades têm se multiplicado, conquistaram novos espaços de denúncia, demanda e protesto, amadureceram sua oratória e formalizaram sua organização. Isto se refletiu no debate parlamentar para a reforma abrangente da lei sobre as drogas (2011-2012) que, apesar de ter estagnado, contou com a ativa participação das agrupações; também na transformação de alguns grupos em associações civis; bem como na sua capacidade de organizar uma série de eventos, em particular, grandes MMM e Marchas Nacionais pela Cannabis,

41 Doutora em Antropologia, Bacharel em Ciências Antropológicas (2010) e Professora de Educação Secundária e Superior em Ciências Antropológicas (2008) pela Universidade de Buenos Aires (UBA). É pesquisadora adjunta do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET), e desde 2010 integra o Programa de Antropologia Política e Jurídica do Instituto de Ciências Antropológicas da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA. É autora do livro *O Ativismo Político dos Usuários de Drogas: Do Subterrâneo ao Congresso Nacional* (2018) e também de capítulos e artigos de livros e revistas nacionais e estrangeiras.

evento local que é organizado desde 2012 em diferentes partes do país.

No entanto, uma das dívidas pendentes para o ativismo, além da abrangente reforma da legislação antidrogas em vigor desde 1989, permaneceu até poucos anos atrás para constituir uma frente ou federação. Este objetivo finalmente se materializou em 2017. Após uma série de reuniões anteriores - a primeira em Bariloche, província de Río Negro (2014), as que se seguiram em Mar del Plata (2014) e Sierra de la Ventana (2015) ambos na província de Buenos Aires, formou-se em fevereiro daquele ano em Necochea (província de Buenos Aires) o que ficou conhecido como a Frente das Organizações Canábicas Argentinas ou, simplesmente, FOCA.

Atualmente, a Frente é formada por 36 grupos e possui representantes na maioria das 24 jurisdições - ou seja, as 23 províncias e a cidade de Buenos Aires - do país. Seu principal objetivo é "promover a regulação do cultivo em todas as suas formas e para todos os usos". Os grupos que a compõem se reúnem duas vezes ao ano em assembleias. O resto do ano trabalha em comissões. Sete delas são permanentes, a saber: Institucional, Jurídico, Comunicação, Tesouraria, Cultivo, Saúde Integral e Gênero.

Desde sua terceira assembleia, realizada na cidade de Buenos Aires em dezembro de 2017, a Frente possui um regulamento interno que estabelece os direitos e obrigações dos "sócios", regula a operação (ou seja, a elaboração da agenda e do documento fi-

nal, o quórum necessário para a sessão, os horários de apresentação e as modalidades de deliberação e votação) das três classes previstas de assembleia (ordinária, extraordinária e virtual permanente), estabelece requisitos mínimos para o trabalho nas comissões, prevê mecanismos de articulação entre estes espaços de trabalho e outras entidades fora da FOCA, e regem os processos de criação de novas comissões, incorporação e expulsão de grupos da Frente.

Atualmente, tendo culminado o seu quinto encontro, embora possamos afirmar que está consolidada, a FOCA continua a incorporar grupos e tem enormes desafios e batalhas pela frente. O objetivo deste breve artigo é, justamente, descrever o processo de constituição e consolidação dessa frente, bem como suas conquistas, dificuldades e principais desafios na perspectiva de seus membros, tendo em vista que a história dessa experiência é útil para o incipiente, mas indubitavelmente próspero, ativismo canábico latino-americano.

A CRIAÇÃO DA FOCA E AS INICIATIVAS ASSOCIATIVAS ANTERIORES

Como observado acima, a FOCA foi criada em fevereiro de 2017, ou seja, no debate sobre a descriminalização do uso terapêutico da cânabis que estava ocorrendo naquele momento no Congresso da Nação. Os projetos de Lei tinham começado a ser discutidos

42 Agradeço aos representantes dos grupos que compõem a Frente que pacientemente responderam às minhas perguntas e tornaram este artigo possível, bem como àqueles grupos que, apesar de seu interesse e boa predisposição, não puderam combinar, por falta de tempo, uma entrevista. As informações aqui contidas foram escritas em novembro de 2018, não correspondendo com a fisionomia atual da Federação.

em junho de 2016, graças ao trabalho árduo – principal, mas não exclusivamente – de duas associações que reúnem famílias de consumidores de cânabis terapêutica, a maioria crianças que sofrem de algum tipo de epilepsia refratária: Cannabis Argentina Medicinal (CAMEDA) e Mama Cultiva Argentina (MCA).

Atualmente, embora estes e outros grupos, em menos de um ano, conseguiram colocar o tema na agenda pública, e a posterior sanção e regulamentação da primeira Lei de Cânabis Medicinal no país (Lei 27.350), existe um amplo consenso no interior do ativismo de que o uso terapêutico da maconha não teria sido possível sem o conhecimento já detido pelos cultivadores sobre a planta e a produção de derivados terapêuticos. Não obstante, é mais difícil encontrar relatos que explicam por que, dada a longa história de tentativas federativas dentro do movimento, o FOCA foi capaz de se constituir como tal naquele exato momento.

As primeiras tentativas nesse sentido ocorreram em 2010, quando, como vimos, grupos de cânabis começaram a florescer em todo o país. Mas, nas palavras de um ativista entrevistado, esses esforços falharam, fundamentalmente, devido às rivalidades internas e à falta de maturidade do ativismo. No entanto, a verdade é que, apesar da passagem do tempo e da consolidação do movimento canábico, a situação não melhorou. De fato, ainda que, em 2012, tenha se formado uma coordenação de agrupações em Buenos Aires, as rivalidades aca-

baram frustrando novamente o diálogo e qualquer possibilidade de construir acordos e consensos básicos. Foi apenas em 2014, nas mãos da Organização Cannábica de Bariloche, que mantinha um lugar relativamente neutro nessa controvérsia, que os grupos com maior experiência puderam se sentar e discutir a possibilidade de formar uma coordenação.

Naquela oportunidade, os participantes do que mais tarde se tornou conhecido como o Primeiro Encontro Nacional de Associações de Cânabis concordou com o nome MACA provisório, Movimento de Agrupações Cannábicas Argentinas, e uma série de premissas básicas que vários dos líderes dos grupos de membros de FOCA entrevistados concederam para este artigo, lançou as bases da frente atual. Especificamente, foi estabelecido que os grupos deveriam ter ao menos três associados, ser democráticas e inclusivas e não serem financiados pela venda de cânabis ou seus derivados.⁴³

No entanto, embora de certa forma o acordo parecesse estar no caminho certo, por algum tempo não aconteceram novas reuniões ou discussões sobre o assunto. A promulgação do Plano Global para a Abordagem de Consumos Problemáticos (Plano IACOP) em 2014, se estabeleceu como falso pré-requisito para a reforma da lei de drogas, se esperava que fosse reavivado o tão ansiado debate sobre a Lei 23737, algo que não aconteceu e gerou grande desilusão dentro do ativismo.

Então, o que reacendeu a faísca? Se existe

43 Em sua quinta assembleia, realizada nos dias 8 e 9 de dezembro, a Frente resolveu revogar o artigo que proibia os grupos de se sustentarem na comercialização de cânabis ou seus derivados. Esta decisão foi sustentada no caráter antipunitivista do grupo e em sua luta para erradicar o endo proibicionismo. Embora a decisão tenha tido consenso, sendo uma das bases da Frente, sua modificação deverá gerar nos próximos meses algumas tensões e rearranjos internos.

consenso que os cultivadores tornaram possível o desenvolvimento dos usos terapêuticos da cânabis na Argentina, eu acredito que, neste momento, as causalidades se invertem e, paradoxalmente, a formação da Frente foi, em parte, filha do debate pela descriminalização dos usos terapêuticos da cânabis no Congresso. Sem nos esquecermos de que a constituição de uma frente era um processo que tinha sido fermentando há vários anos, o debate sobre a lei da cânabis medicinal não só resultou na criação de novos coletivos, fazendo crescer exponencialmente as bases do ativismo, e obrigou a mudança de direção e reorientação das atividades organizadas pelos grupos que passaram a receber indagações de todo o tipo de pessoas maiores de idade sobre os usos terapêuticos da planta; mas a maneira particular que se defendeu essa normativa – isto é, através da organização de palestras, seminários e workshops de cultivo e extração de óleo em todo o país – gerou uma mobilização geográfica de ativistas, cultivadores, famílias, médicos e outros especialistas sem precedentes, criando novos espaços de encontro e debate que levaram grupos de cânabis existentes, bem como outros recentemente criados no calor do debate, a se perguntarem mais uma vez sobre a constituição de uma frente.

Nesta ocasião, os canabicultores de Necochea foram os porta-vozes. Em agosto de 2016, após o boom da maconha medicinal na mídia e no âmbito de uma conferência sobre este assunto na cidade, a associação também organizou uma mesa de ativistas canábicos, onde diante de dez grupos foi lido um documento no qual eles clamavam pela "unidade do movimento argentino".

O resultado dessa reunião e das propostas que se formavam a partir de um "grupo de ativistas canábicos" em um conhecido aplicativo de mensagens instantâneas, começou a

organizar através deste canal virtual foi decidido a realização de um novo encontro em Necochea. Assim, em fevereiro de 2017, em pleno debate pela Lei de cânabis medicinal e apenas alguns dias após o ataque e detenção de Adriana Funaro – reconhecida ativista canábica, que também sofre de artrite e usa cânabis para caminhar e melhorar sua qualidade de vida –, o 4º Encontro Nacional de Agrupações Canábicas foi declarado de interesse público pelo município e que contou com a participação de 22 agrupações, viu o nascimento da Frente.

Neste quadro, os primeiros desafios que se colocaram como coletivo, foram ligados ao delineamento de estratégias tanto para agir contra os ataques e detenções de usuários e cultivadores de cânabis como para intervir em um debate cujos protagonistas até agora eram CAMEDA e Mama Cultiva Argentina, associações que não fazem parte da Frente. Ao longo destes dois anos, metas foram estabelecidas, atividades foram organizadas e as primeiras dificuldades começaram a aparecer. Veremos agora um balanço a partir da voz de seus membros.

A FOCA EM SEU INTERIOR: DIFICULDADES, REALIZAÇÕES E DESAFIOS

Todos os grupos entrevistados concordam que a constituição de uma Frente foi uma conquista, sem dúvida difícil, mas central para o ativismo. No entanto, muitos também compreendem que não apenas persistem as diferenças que, no passado, dificultaram a criação de uma Frente; mas que, além disso, a elas se somam outras novas, relativas à tomada de decisões coletivas.

A heterogeneidade em termos de objetivos específicos, a diversidade de experiên-

cias, estrutura, recursos, idade e trajetória dos grupos, a disparidade de noções sobre o que deveria ser e fazer uma Frente, e as enormes distâncias (políticas, econômicas e espaciais) que entorpecem consensos e dificultam viagens, atividades conjuntas e encontros, bem como os "egos", as disputas pessoais, as competições locais, o partidário e o chamado "endo-proibicionismo" (em particular, as disputas existentes sobre os modos de fornecimento, onerosa ou gratuita, de sementes e derivados da planta canábica), foram identificados como os principais obstáculos que devem ser resolvidos ou com os quais a Frente deve aprender a viver.

Nesse sentido, a necessidade de encontrar um discurso unificado baseado em argumentos sólidos, ou pelo menos adotar posições idealistas e pragmáticas para alcançar um comportamento orgânico, definir objetivos concretos de curto prazo e "perder o medo da política", foi mais do que uma vez mencionado. De fato, houve aqueles que foram além, sendo céticos sobre a possibilidade de construir acordos e elaborar projetos específicos até que foi decidido "se é uma frente de organizações terapêuticas de cânabis ou apenas organizações canábicas, em seu sentido mais amplo", e houve até mesmo aqueles que afirmaram que a Frente deve se concentrar em ser "um espaço que dita boas práticas às associações" e estimam que, apesar do esforço, definitivamente "servirá mais para reagir em conjunto à determinada situação do que planejar o futuro como um todo".

No entanto, a verdade é que muitas dessas aparentes fraquezas também são seus pontos fortes. De fato, a heterogeneidade da Frente é, ao mesmo tempo, um de seus aspectos mais célebres. Neste sentido, sua perspectiva federal e as diferentes especializações dos grupos (por exemplo, nos as-

pectos medicinais, industriais, etc., da planta) e seus membros (advogados, médicos, cultivadores, biólogos, agrônomos, etc.) que ao estarem conectados e trabalhar em conjunto permitem socializar informações sobre estatutos, consentimentos informados, acompanhamentos, acolhimentos e possíveis formas de financiamento e troca de recursos, gerar confiança, conhecer virtudes e defeitos. Mas também aquilo que coexiste no seio dos agrupamentos de diferentes regiões, algumas novas e outras de longa data, apresentam vantagens adicionais. As primeiras ajudam as mais novas a avançar mais depressa; enquanto que a ampliação do círculo do debate resolve lutas antigas ajudando a "diminuir o conflito entre as agrupações que são mais velhas".

Em relação às conquistas da FOCA, houve consenso entre os entrevistados. A constituição desta "plataforma nacional de agrupações", concordam, ajudou a fortalecer os laços, melhorar a comunicação interna e visualizar o problema, deu mais força e fisionomia ao ativismo e ampliou sua presença em áreas acadêmicas e institucionais e, no que se refere às agrupações do interior, as fizeram se "sentir acompanhadas, a não se sentirem isoladas cada uma em uma cidade", "sentir que somos parte de algo maior ou mais sólido, com mais corpo, maior alcance, maior respaldo", além como de ajudá-las a colocar o tema sobre a mesa em suas localidades e permitir-lhes o acesso a cenários institucionais como o Congresso Nacional que antes eram inatingíveis.

Por outro lado, entre as conquistas, o trabalho realizado pela Frente em casos de prisão e busca de usuários e produtores de cânabis tem sido particularmente destacado. Ou seja, as práticas de registro e acompanhamento de casos, assessoria jurídica e acompanhamento de detidos, bem como

campanhas, comunicados, marchas e encontros são organizados nesse sentido.

Olhando para o futuro, eles esperam se tornar uma federação. Para isso, exigem que pelo menos nove organizações obtenham seu status legal. Embora a obtenção da personalidade jurídica se torne mais necessária à medida que avançam na articulação com espaços acadêmicos e institucionais e várias se encontram realizando o procedimento, a decisão de iniciá-la não é uma tarefa fácil. A quantidade de membros necessários, os obstáculos que colocam as fiscalizações da justiça local e as negativas dos profissionais para endossar os documentos devem ser adicionadas as dificuldades trazem consigo a criminalização dissimulada do consumo de cânabis e todas as atividades ligadas a ela. Em suma, em qualquer conflito legal é o presidente da associação quem deve responder com seus bens.

Outro dos principais objetivos da FOCA é criar um projeto de lei próprio que aponte para a despenalização e regulamentação do cultivo e uso de cânabis. Mas enquanto se encontram trabalhando nisso, caminhos possíveis são múltiplos e ainda não foi definido se eles vão por uma lei de cânabis ou por uma reforma abrangente da Lei 23737. Para melhorar a imagem e comunicação da Frente e a formação de um quadro político foram outros dos temas marcados como pendentes.

Atualmente, o trabalho não é apenas exterior, mas também interno. Nesse sentido, a fim de encurtar as distâncias e otimizar a presença da FOCA em todo o país, existem vários projetos de regionalização em andamento. Atualmente, existe uma FOCA AMBA (ou seja, a Área Metropolitana de Buenos Aires) e as cinco agrupações sediadas na cidade de La Plata (província de Buenos Aires) se reúnem semanalmente. Outros aspectos que devem ser trabalha-

dos foram a construção de uma "consciência política ativista" em seus membros, a clarificação dos limites e a relação entre as agrupações e a Frente na qual estão integradas, a incorporação da perspectiva de gênero e a desconstrução do chamado endoproibicionismo, ou seja, a forma negativa com que atualmente algumas agrupações da Frente valorizam e condenam atividades proibidas pela lei de drogas como pode ser a distribuição gratuita, venda direta e/ou indireta (ou seja, por meio de cotas sociais) de sementes, cânabis e seus derivados; de sacordo que, por outro lado, impacta diretamente uma das principais atividades da FOCA deixando aberta, diante da ação das forças de segurança, a questão de quem se defende como Frente.

Em suma, o Foca é um grande sucesso, mas também um dos principais desafios enfrentados pelo ativismo hoje. Enquanto isso, "a planta, os ataques e os presos por plantar" funcionam como a argamassa que os mantém unidos.